

1 A memória grava, exclui, relembra, portanto, não guardamos tu-
2 do, visto que a memória é sempre seletiva. Sendo assim, o escritor adulto
3 registra o que o escritor criança reteve na memória e, quando surgem as
4 lacunas, está livre para completá-las com aquilo que não aconteceu, mas
5 que poderia ter acontecido (aristotelicamente falando).

6 Para a literatura é de se esperar lances emocionantes, surpresas e até apo-
7 teoses. Na literatura não há lapsos ou vazios. A literatura tem horror ao nada e
8 à falta de conexão. [...] A literatura completa os espaços mais livremente, com
9 personagens e fatos que poderiam ter existido. (MEIHY, 1992, p. 62-63)

10 Segundo Aristóteles (2000, p. 200), “a epopeia, a tragédia, assim
11 como a poesia são, em geral, imitações”. O filósofo, então, propõe dois
12 campos: o do que realmente aconteceu e, nesse caso, a história é real-
13 mente *mimesis*, representação das ações humanas e um segundo campo:
14 o do mundo das possibilidades, ou seja, da arte. Ao tratar da poesia, tra-
15 balha com o possível, com aquilo que poderia ter acontecido. (ARISTÓ-
16 TELES, 2000; BOSI, 1993)

17 O texto literário memorialístico percorre os fatos e as fantasias,
18 caminha pelo real e pela imaginação, podendo se apresentar em verso ou
19 prosa, constrói a narrativa do escritor tanto pela capacidade de rememo-
20 rar o passado quanto de acrescentar elementos fantasiosos ao que se lem-
21 bra. Sobre esse assunto, o crítico literário Antonio Candido comenta que
22 alguns livros, qualificados de autobiografias poéticas e ficcionais, por
23 utilizar recursos característicos da ficção e da poesia, parecem produto da
24 imaginação, ainda quando não acrescentem elementos imaginários à rea-
25 lidade.

26 [...] apesar das diferenças, eles têm um substrato comum, que permite lê-los
27 reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da
28 memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura “de
29 dupla entrada”, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alterna-
30 tiva. (CANDIDO, 1989, p. 54)

31 32 **2- Infância e memória em Ziraldo**

33 No livro “*O Menino e o Seu Amigo*”, Ziraldo retorna ao seu pas-
34 sado e narra a lembrança das experiências vividas pelo autor com seu
35 avô.

36 Os avós aparecem em muitas narrativas memorialísticas, quase
37 sempre como as pessoas que estabelecem vínculos afetivos marcantes na
38 infância, aquelas que também se configuram formadores do caráter do

1 ao seu lado se sentia
2 pois a única diferença
3 para ele, percebida,
4 é que o sol, que nascia,
5 chegava primeiro aos olhos
6 do homem, postos lá em cima.
7 “Sobe aqui nos meus ombros,
8 para o sol chegar primeiro
9 pra você do que para mim.”
10 E o menino se esqueceu
11 – de lembrar-se até queria –
12 de perguntar para o homem
13 por que ele, de presente,
14 lhe dava o sol, todo o dia.

15 No entanto, no final do texto, ao se revelar ser aquele menino da
16 narração, apresenta-se também como aquele que é avô no presente. Nes-
17 sa escrita memorialística, dois tempos aparecem: o tempo da narrativa e
18 o tempo do narrado. O poeta reconstrói as experiências familiares de sua
19 infância e as relaciona com o momento presente que vive.

20 Chegou a hora, meninos!
21 Chegou a hora, meninas,
22 de contar para vocês
23 que quem lhes conta
24 esta história
25 é o menino da história.
26 Agora
27 esse menino cresceu
28 e tanto tempo passou
29 que o menino, também,
30 virou avô.
31 E aqui está ele
32 caminhando na calçada
33 da praia de areia branca
34 da cidade muito grande
35 que estava além dos seus sonhos.
36 À sua frente caminha
37 a neta
38 – também, como ele, chegada
39 primeiro, ao mundo dos netos
40 – indo a caminho do mar.

41 Ziraldo, ao concluir sua narrativa poética, registra a sua reflexão
42 sobre o passado que se faz num diálogo com o presente. Só agora, no
43 momento da escrita memorialística, percebe o grande amor que seu avô
44 sentia por ele.

1 Lá vai a neta faceira,
2 com seu balde, seu sorvete,
3 seu maiô de duas peças,
4 seu poder de decisão,
5 como ele ia para o rio
6 com uma vara de pescar
7 seu saquinho de minhocas
8 suas broas no embornal,
9 sua plena confiança.

10 E o novo avô dessa história
11 ouve o renascer dos passos
12 do menino que ele foi.
13 E, num gesto repetido,
14 pausa sua mão – capacete –
15 sobre a cabecinha quente
16 da menina, exposta ao sol.
17 E, olhando para a neta,
18 que vai enfrentando as ondas
19 do mar aberto à sua frente,
20 ele faz a descoberta
21 do que descoberto estava:
22 “Deus do Céu!
23 Como o meu avô me amava!”
24

25 **3- O texto memorialístico e o leitor**

26 Os textos literários memorialísticos são narrados buscando ex-
27 pressar os sentimentos de alegria, paixão, tristeza, frustração, surpresa e
28 desapontamento, que marcaram o autor no episódio vivido.

29 O leitor, por sua vez, não é uma página em branco em que se im-
30 prime o texto. Ao encontrar-se com a obra, traz junto de si suas experiên-
31 cias de vida, suas memórias, suas expectativas, sua leitura de mundo.

32 As narrativas memorialísticas levam o leitor a retornar à sua in-
33 fância, à casa onde morou, às lembranças de seus pais e de seus avós, às
34 recordações dos amores proibidos que viveu ou gostaria de ter vivido, às
35 situações embaraçosas que passou e que, hoje, são motivos de riso. Por
36 certo, durante a leitura, uma infinidade de vezes que existem dentro de si
37 despertará a sua própria memória, “um fenômeno sempre atual, um elo
38 vivido no eterno presente”. (NORA, 1993, p. 17 *apud* GONÇALVES;
39 OLIVEIRA & MEIRY, 2016, p. 197)

40 Apesar de haver uma leitura do autor e outra do leitor, o diálogo
41 entre eles não termina nunca. Ele vai se completando, se ampliando, se

1 refazendo a cada nova leitura, então, nas palavras do escritor, o leitor faz
2 nascer seu próprio texto.

3 Ao conferir sentido ao texto, é importante ressaltar que não existe
4 um único jeito de ler e de entender a obra, pois seria o mesmo que consi-
5 derar que só há uma forma de olhar para o mundo e de viver nele, no en-
6 tanto, toda obra é singular na atribuição de sentido que o leitor lhe dá.
7 Obra e leitor vão se completando, de maneira única e particular, à medi-
8 da que aquele que lê se apropria do texto e nele realiza intervenções.

9 O texto, portanto, não é obra acabada, à medida que vai sendo li-
10 do, vai sendo completado pelas intervenções do leitor, no entanto, en-
11 quanto é completado, age no leitor a fim de alterá-lo. É na intersubjetivi-
12 dade que os homens são constituídos.

13 Nesse pensar, Michèle Petit declara:

14 De um modo mais abrangente, mesmo que a leitura não faça de nós escri-
15 tores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar
16 nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas
17 vidas. Nessa leitura, o escritor e o leitor constroem-se um ao outro; o leitor
18 desloca a obra do escritor, e o escritor desloca o leitor, às vezes revelando nele
19 um outro, diferente do que acreditava ser. (PETIT, 2009, p. 37)

20 O texto literário é praticamente inesgotável, mesmo os menores
21 podem suscitar amplas reflexões e entendimentos totalmente imprevisí-
22 veis. Nesse sentido, Luiz Antônio Marcuschi (2003) declara que a leitura
23 é um processo inferencial que não produz compreensões definitivas e
24 acrescenta:

25 Os conhecimentos individuais afetam decisivamente a compreensão, de
26 modo que o sentido não reside no texto. Assim, embora o texto permaneça
27 como o ponto de partida para a sua compreensão, ele se tornará uma unidade
28 de sentido na interação com o leitor. (MARCUSCHI, 2003, p. 96).

29

30 **4- Considerações finais**

31 A infância é repleta de momentos lúdicos, de imagens marcantes e
32 alegres, mas também de situações embaraçosas, de momentos constran-
33 gedores, que lembrados, depois de anos, tornam-se motivo de riso. Tal-
34 vez devesse inspirar compreensão e piedade em vez de humor, mas quem
35 não se lembra de um “pequeno ridículo” pelo qual passou? Tais recorda-
36 ções estão presentes na memória de quem as viveu.

- 1 MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Prostituição à brasileira: cinco histó-*
2 *rias*. São Paulo: Contexto, 2015. Disponível em:
3 <<https://books.google.com.br/books?isbn=857244906X>>. Acesso em:
4 08-06-2017.
- 5 _____. História não é literatura. *Revista de la APEESP*, São Paulo, n. 4,
6 p. 49-73, jul/dez. 1992.
- 7 PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad.: Ce-
8 lina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.
- 9 PINTO, Ziraldo Alves. *O menino e seu amigo*. São Paulo: Melhoramen-
10 tos, 2005.